



UMA ANÁLISE DO EU COMO VIA PARA A MÍSTICA EM ERNST TUGENDHAT COMO UMA POSSÍVEL RESPOSTA AO INDIVIDUALISMO CONTEMPORÂNEO

An Analysis of the self as a road to mystique in Ernst Tugendhat as a possible response to contemporary individualism

Lailson Menezes Marques¹, Moacir Ferreira Filho²

¹Graduando em Filosofia, Faculdade Paulo VI, lailson995@gmail.com

²Docente, Centro Universitário FAVENI – UNIFAVENI e Faculdade Paulo VI, moacir.filho@unifaveni.com.br

INTRODUÇÃO

A capacidade mais excelente do homem é a racionalidade, é o que nos diferencia e nos separa dos outros animais. Essa capacidade nos permite tomar decisões, discernir sobre o que é bom e o que é ruim. A razão permite que o homem tenha uma visão de mundo ampla, que ele conheça e analise os acontecimentos, as coisas, os seres e tudo o que o rodeia. A partir dessa capacidade de refletir, o homem se depara com uma multiplicidade de outros que lhe são semelhantes e que fazem parte do seu meio de convívio. É através dessa percepção do outro que o homem começa a fazer perguntas a si mesmo, como: Quem sou eu? Qual o sentido da minha vida? Que caminho eu devo tomar? Essas perguntas e outras o norteiam a perceber que existe um “Eu” que busca sentido para a sua existência.

Segundo Tugendhat (2013), a percepção do “Eu” se dá de várias formas, uma delas é através do uso da linguagem, principalmente a linguagem proposicional que precede uma vontade expressa daquele que se comunica. O ato de julgar e discernir sobre algo bom ou melhor é também uma forma de perceber que existe na relação entre duas ou mais possibilidades de escolha, a existência de um “Eu” que escolhe conscientemente. No ato de escolher o homem sempre optará por fazer a vontade do “Eu”, e são essas vontades que podem corrompê-lo, transformando-o em um escravo de si mesmo, e transformando o outro em um objeto e instrumento de sua vontade.

Relação é o conceito chave para a percepção do “Eu”, pois, é na relação consigo mesmo e com o outro, que o homem descobre que é único. Ao se descobrir único ele se coloca como centro, podendo assim chegar ao egoísmo, que ofusca cada vez mais a sua busca por sentido, tornando-se ele mesmo o sentido de sua própria vida. O “Eu”, não deve se tornar o sentido da vida, pois, assim sendo, o homem não será feliz, nem consigo mesmo, e nem conseguirá se relacionar com o outro. Por isso, faz-se necessário um desprendimento de si, de forma consciente, para que o homem aprenda a relativizar a importância que ele se dá, percebendo que existem outros que também são importantes. E é através desse desprendimento que o homem pode alcançar a mística.

Esse estudo tem como objetivo analisar o “Eu”, visando uma possível resposta ao individualismo contemporâneo, sob os seguintes pontos: a análise do “Eu”, através da linguagem, e como a comunicação pode favorecer na relação com outro; a relação do “Eu” consigo mesmo como passagem do egoísmo ao egocentrismo; e o descentralização do “Eu” como via para a mística, e a mística como resposta ao individualismo contemporâneo.



MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa conta com uma abordagem qualitativa de natureza aplicada com objetivos descritivos e exploratórios de procedimento bibliográfico e documental. Para tal, recorreu-se a documentos e obras que são referências nessa área de discussão para que, a partir do levantamento dos conceitos fundantes dessa discussão, fosse possível realizar o diálogo com a sociedade e sua demanda contemporânea num momento em que os ânimos políticos e religiosos se encontram aflorados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Predominantemente, quando se emprega a palavra “Eu”, é sob o significado pronominal pessoal que a esse termo é atribuído ou quando se fala em primeira pessoa ao expressar uma vontade ou uma determinada ação, mas será que ao expressar uma vontade, temos consciência que esse “Eu” seja bem mais do que uma simples palavra? Será que o compreendemos como tal? Como “Eu mesmo” desejando, querendo, ordenando e julgando?

É perceptível o quão importante é a linguagem nesse processo de autopercepção do “Eu”, uma vez que, a linguagem sendo um método de conhecimento, comunicação e relação etc., ela nos permite se localizar no mundo, no espaço e a nos diferenciar daqueles que nos são semelhantes como espécie. Sobre a atribuição do “Eu”, Ernst Tugendhat (2013, p. XIII) afirma que:

Dizer “eu”, como um referir-se a si próprio, significa que, se experimento um estado interno, então também o sei mediante a aprendizagem do uso da proposição correspondente. Com a palavra “eu” não é então referido algo *em mim*, o Eu, mas com ele o *falante* refere-se a si mesmo. Identifico-me a mim mesmo, não com um Eu, mas sim na medida em que me atribuo um lugar, assim como o atribuo a meu corpo. Objetivo-me fazendo afirmações sobre mim, sobre meus desejos, opiniões, intenções, sentimentos.

A partir dessa afirmação trabalhar-se-á o primeiro ponto: a linguagem nos fornece a capacidade de comunicação, e é através dela que percebemos o mundo, e conceituamos as coisas, ou seja, conhecer é também se comunicar com as coisas, seres e acontecimentos, pois, dentro desse processo sempre se estabelecerá uma relação, seja entre sujeito e objeto, homem e natureza, homem e seu semelhante, ou, até do “Eu” consigo mesmo. Ainda sobre a linguagem, com via de percepção do ser e do homem, Oliveira (2001, p.219-220) recorda que Heidegger afirma que:

Não é o homem o senhor do ser, antes, ele é aquele lugar onde, por meio da linguagem, pomo-nos sob o ser, recebemos, a partir daí, sentido, significação, tarefa. O ser se dá (desvelamento) e ao mesmo tempo se retrai (ocultamento), já que não é produto da subjetividade, mas, antes, a história que justamente é ser no dar-se e retrain-se.

É notória a importância da comunicação que se dá pelo processo da linguagem, e o quanto ela proporciona ao homem uma boa relação consigo e com os outros. O homem se apresenta sempre através de uma linguagem proposicional, que determina e define a sua vontade, compreensão e necessidade:

É preciso, antes, que fique claro como os homens, na medida em que podem dizer “eu”, chegam a se considerar importantes. É evidente que isso ocorre mediante uma transformação da autocentricidade rudimentar da consciência animal, cuja base, como



se verá, também está na estrutura da linguagem proposicional. (TUGENDHAT, 2013, p.28).

O problema surge quando esse que diz “Eu” está habituado a sempre fazer sua vontade. Esse usará da linguagem, da comunicação e da relação que ambas o proporcionam para sempre se satisfazer, ou seja, não é mais, uma comunicação entre duas pessoas, mas, uma relação egoísta, no qual o “Eu” reduz o outro a um objeto útil de suas necessidades. Quando o “Eu” é percebido como tal, é pelo processo do uso da linguagem proposicional (indica uma ação, vontade), como foi citado no tópico anterior. Ademais, isso pode se tornar um problema gravíssimo, pois quanto mais se realiza à vontade mais vontade se tem, e nesse caso o homem atinge um nível de egoísmo exacerbado, e a si próprio a um estado de escravo da sua própria vontade. É claro que esse problema não se limita somente em si, mas, esse usará da mesma proposta na relação com outro, tornando toda relação utilitária, e reduzindo o outro a um instrumento de sua vontade.

No que consiste a relação do “Eu” consigo mesmo, esse se depara com duas realidades: o egoísmo e a egocentricidade. Para Tugendhat (2013), o egoísmo é quando uma pessoa age em benefício próprio, colocando sempre seus interesses em primeiro lugar, diferente, a egocentricidade é uma característica inerente a condição humana, essa se refere a forma de como o homem enxerga o mundo. “[...] a egocentricidade distingue-se do egoísmo, pois ela permite tomar por fim não só o seu próprio bem, mas também o bem-estar de outros enquanto seu próprio fim.” (TUGENDHAT, 2013, p. XVI)

A relação do “Eu” consigo mesmo, consiste também na escolha entre o bom e o importante. Nessa relação, deve-se alcançar a egocentricidade que se dá no problema da referência, e para essa compreensão são apresentados dois aspectos:

Primeiro, que o ser consciente se objetiva ao dizer “eu”. Segundo, na medida em que com essa auto objetivação se produz uma consciência de outros objetos e sujeitos, o indivíduo, por um lado, se vê e se sente como centro do mundo, mas, por outro, por perceber o mundo como um mundo de centros, também tem a possibilidade de abrir mão de sua consciência de ser o centro. (TUGENDHAT, 2013, p.27).

A ação de ser consciente de si mesmo, é ter consciência de si como pensante, aquele que age como tal quando se refere a questões que precisam ser tratadas, ou quando esse é conduzido a fazer escolhas, todas essas reflexões são próprias do “Eu”, que busca sempre as melhores possibilidades, e dentro dessas possibilidades aquilo que transita entre bom e importante. É na diferenciação entre o bom e o importante que se separa o egoísmo da egocentricidade; o bom está ligado aos desejos, é o ato de escolher algo que antecede o desejo do “Eu” e nesse momento ele se dá uma importância exacerbada que o legitima a sanar esse desejo, tomando isso como um objetivo. Esse objetivo pode ser em si mesmo, quando o “Eu” faz algo que visa os seus próprios interesses, ou, pode ser um objetivo derradeiro quando o “Eu” se objetiva a um ser, ou seja, ele se preocupa com o seu ser e seu bem-estar.

O importante está ligado a algo que tem valor e que transcende a vontade do “Eu”, e para a realização dessa se abre mão da consciência de ser o centro, e passa a atribuir a outrem, também uma importância. Nesse caso o importante pode também tornar-se um objetivo parecido com o objetivo derradeiro, no qual esse toma a vida de outrem como algo importante, não com o sentido de tomar a vida do outro como importante para satisfazer a sua vontade, isso ainda seria egoísmo, mas, tomar a vida do outro como importante sem pretensões seria sair do



egoísmo, e viver uma egocentricidade altruísta. O “Eu” altruísta é aquele que visa o bem do outro além de suas necessidades particulares, e esse é aquele que alcança a mística.

No tópico anterior tratamos da passagem do egoísmo para a egocentricidade, e essa mudança na forma de ver o mundo, e compreender a si mesmo abre uma porta para a mística. O processo de descentralização do “Eu” é também uma forma de se relacionar consigo mesmo, porém, é diferente de uma relação egoísta, no qual o “Eu” em tudo volta a si mesmo; a diferença é que essa relação de descentralização do “Eu” promove um distanciamento de si que se dá em dois modos. Tugendhat (2013, p.38), afirma que: “[...] em primeiro lugar, considerar seu próprio bem-estar menos importante que o bem-estar alheio; em segundo, dar menos importância, de modo geral, a seu envolvimento egocêntrico e afetivo”. Conseqüentemente, o ato de dar menos importância ao envolvimento egocêntrico em uma relação é o que faz o “Eu” alcançar a mística.

Quando se é egoísta, até as relações com outro se fundamentam em fazer a própria vontade, é quase que um se relacionar com o outro, transformando o outro em mim. Nessa relação, eu reduzo a singularidade e particularidade do outro ao meu desejo, ou seja, eu projeto no outro o meu “Eu” e ele deve agir segundo a vontade do meu “Eu”. Esse tipo de relação é bem presente na contemporaneidade. A questão fica mais séria quando se analisa esse processo de forma quase que universal. Imagine um mundo em que todos os que dizem “Eu” passam a se relacionar com o outro dessa forma, em que será que acarretará essa relação? Qual será o efeito de uma relação em que uma pessoa não enxerga a outra como um semelhante, mas como uma extensão de sua vontade? Não precisa ir muito longe para perceber que já estamos vivendo esse efeito, e isso se chama individualismo.

A dinâmica da relação faz parte da vida de toda pessoa, pode se dizer que ela é inerente ao ser humano. O fato de vivermos em sociedade intensifica mais ainda a necessidade de relação. Toda relação está sujeita a atritos, uma vez que, cada pessoa é diferente da outra, e cada uma percebe o mundo de maneira diferente, cada uma com suas vontades, imperfeições e necessidades. Nós nos relacionamos com o outro sob várias perspectivas: existem as relações políticas, que são baseadas em contratos sociais, assim sendo segundo a visão de Hobbes, Locke e Rousseau. De certa forma, quando o “Eu” se vê como centro, toda relação com o outro de fato se torna um contrato, mas não um contrato justo, e sim um contrato de mão única que visa o bem-estar somente de um, é um contrato de um homem só, ou seja, é um individualismo. Às vezes para tratar de um problema é necessário entender o que ele é e como funciona. Sobre o individualismo, Mounier (1976, p.61-62) afirma que:

O individualismo é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de intuições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. Foi o individualismo que constituiu a ideologia e a estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental entre o século XVIII e XIX. O homem abstrato, sem vínculos e nem comunidades naturais, Deus supremo no centro de uma liberdade sem direção e sem medida, sempre pronta para olhar os outros com desconfianças, calculismo ou reivindicações em relação aos outros, ao lado de instituições reduzidas a assegurar a convivência mútua dos egoísmos.

Está impresso nas relações o que de fato nos une, não é somente as vontades, ou os sentimentos, mas também a razão, e essa deve ser o alicerce das relações, porém somente a razão não resolve o problema do individualismo, uma vez que esse problema surge com o egoísmo daquele que diz “Eu”.



A mística pode ser uma resposta ao problema do individualismo, pois ela remete ao “Eu” a proposta de considerar a si mesmo como menos importante, isto é, de perceber que não é o único no universo, e que os seus anseios, vontades e objetivos não podem estar acima do outro. Sobre a mística, Tugendhat (2013, p.134) infere que: “O caminho para a mística consiste na relativização ou até negação da importância que os desejos têm para o indivíduo; portanto em uma *transformação da autocompreensão*.” Nesse caso o “Eu” se retira do centro, e essa saída de centro leva consigo as preocupações, desejos, ansiedades e as suas projeções futuras, que antes se baseavam no seu egoísmo na redução do outro a um objeto útil.

Tugendhat (2013) observa a mística sob dois aspectos e a define como primária e secundária. A primária é a mística que toma uma roupagem mais ligada a uma religião e uma conexão mais particular com o divino, é um tipo de iluminação espiritual, uma relação de amor com o divino. E a secundária é de fato uma relação mais sistemática e digamos que mais racional sobre as experiências místicas, através de um processo de análise racional para dar sentido a essas experiências, ou seja a mística secundária é mais reflexiva e se aproxima mais do contexto religioso budista, enquanto a primeira tem uma roupagem mais taoísta, e essa tende a ser mais individual e subjetiva. Levando em consideração o propósito da mística, que é levar o homem ao transcendente, a uma realidade maior que ele, na qual o místico que faz a experiência de se abster de si mesmo, faz com que esse alcance uma vida mais virtuosa, sem vícios ou vontades que o escravizam. A vida do místico é uma vida sem egoísmos ou exageros, é perceber o outro, tal como ele é, sem pretensões. Sob essa perspectiva, ao nos deparamos com os conflitos, guerras, e tantos outros problemas que cercam a contemporaneidade, percebe-se que não se vê místicos por aí, mas somente “Eus”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, ao compararmos o modo de viver de um místico, e o modo de viver de uma pessoa que vive somente para si, fica evidente a diferença entre ambos, e qual modo de perceber e ver o mundo seria o mais adequado para se optar. Seja qual for a inclinação mística, essa tende sempre em fazer o homem perceber que ele não está sozinho no mundo, e o faz perceber que não é um deus ou algo parecido, mas que é um, entre milhares, que lhes são semelhantes, e que não deve se colocar como mais importante ou melhor entre os outros. As suas necessidades não devem estar acima das dos outros, de forma que essa seja imposta ao outro de forma vil. Olhar para si mesmo como se fosse uma prótese para compreender o mundo e percebê-lo, é reduzir o mundo e os seus mistérios a um único ponto de vista, e hoje em dia existem diversos tipos de próteses particulares que veem o mundo de sua forma, e julga-o segundo a sua perspectiva de pensar, gerando assim um caos diante dos possíveis cosmos particulares de cada “Eu”, que compartilham também desses pontos de vista individuais e polarizados. Não seria esse o motivo de em pleno século XXI, estarmos vivendo ainda como animais, usando de guerras, e mortes para legitimar uma vontade particular e infantil? Olhando sob esses aspectos parece que sim, a mística, pode ser uma resposta a esse excesso de individualismo.



REFERÊNCIAS

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

OLIVEIRA, Manfredo. A. **Reviravolta Lingüística-Pragmática na Filosofia Contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

TUGENDHAT, Ernst. **Egocentricidade e Mística**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.